Vitor Rocha

O Mágico di Ó

Xilogravuras **Nireuda Longobardi**



Texto © Vitor Rocha Ilustração © Nireuda Longobardi

Diretor editorial Marcelo Duarte

Diretora comercial Patth Pachas

Diretora de projetos especiais Tatiana Fulas

Coordenadora editorial Vanessa Sayuri Sawada

Assistentes editoriais Camila Martins Henrique Torres

Projeto gráfico e diagramação

Estúdio Insólito

Consultoria Marco Haurelio

Preparação Cristian Clemente

Revisão

Vanessa Oliveira Benassi Daniel Moreira Safadi

Impressão Corprint

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Rocha, Vitor O Mágico di Ó/Vitor Rocha; xilogravuras Nireuda Longobardi. – 1. ed. – São Paulo: Panda Books, 2022. 104 pp.

ISBN: 978-65-5697-175-9

Ficção: 2. Teatro. 3. Literatura de cordel infantojuvenil brasileira.
Literatura infantojuvenil brasileira. I. Longobardi, Nireuda. II. Título.

CDD: 808.899282 CDU: 82-93(81)

Bibliotecária: Camila Donis Hartmann - CRB-7/6472

Todos os direitos reservados à Panda Books. Um selo da Editora Original Ltda. Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41 05413-010 – São Paulo – SP Tel./Fax: (11) 3088-8444 edoriginal@pandabooks.com.br www.pandabooks.com.br Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

APRESENTAÇÃO

u acredito que quando você leu o título deste livro alguma coisa lhe pareceu familiar, não foi? Isso é natural, afinal *O Mágico de Oz*, a história que inspirou esta obra, é um clássico da literatura mundial que atravessou gerações: as aventuras de Dorothy Gale, desde o furação que a levou para muito além do arco-íris, e de seus amigos tão divertidos e diferentes em busca da famosa Cidade das Esmeraldas.

Essa história chegou para mim quando eu ainda era bem pequeno e adorava ler com o meu pai antes de dormir. Só que preciso confessar que ela não foi uma daquelas que me agarrou pelo coração. E sabe o que eu penso sobre histórias que não nos agarram pelo coração? Que só nos resta colocar o nosso coração nelas — e para isso é preciso sempre muita coragem. Coragem o bastante para ver as coisas de um jeito diferente do que são, ou melhor, coragem para enxergar as coisas como nós somos e também para nos perquntar por dias e dias: "E se?".

E se a Dorothy nunca tivesse visto um arco-íris, para onde ela gostaria de ir? E se ela vivesse em um lugar em que não passam furacões, o que faria a vida dela virar de cabeça para baixo? E se o lar de alguém não fosse o melhor lugar do mundo, ainda assim seria um lar? E se um mágico poderoso existisse de verdade no nosso mundo, quem ele seria ou o que faria? E se o acaso tivesse menos presença na nossa vida, seria coincidência estarmos mais presentes nela? Essas foram só algumas das perguntas que me inspiraram a recontar esta história com as minhas próprias palavras. Uma história que já foi narrada de muitos jeitos diferentes ao redor do mundo e ao longo do tempo, mas que desta vez será recontada de um modo jamais visto, único, como apenas eu posso contar: o meu.

E como o meu jeito tem muito de quem eu sou (e um pouquinho de quem eu quero ser), acabou que a paixão que eu sinto pela cultura do nosso país, pelo teatro e pela música não puderam ficar de fora. Dessa forma, as perguntas e a história se misturaram com o gênero dramático, dialogando com a literatura de cordel por meio das músicas que compõem a peça – formando uma peça de teatro musical. Assim, ficou divertido falar da vida rimando ou cantando cada palavrinha e mais fácil de me imaginar – e fazer você se imaginar – na pele de cada personagem desta aventura. Eu espero que, ao final da leitura, esta história agarre o seu coração, mas se ela não agarrar... Bem, você já sabe!

Vitor Rocha



PERSONAGENS

MARIA DOROTEIA, uma cabinha arretada.

MAMULENGO, um retirante que, no imaginário de Doroteia, não tem cérebro.

CABRA DE LATA, um retirante que, no imaginário de Doroteia, não tem coração.

LEÃO, um retirante que, no imaginário de Doroteia, não tem coragem.

TIO, um homem mais velho que, no imaginário de Doroteia, se torna a Bruxa Má.

TIA, uma senhora que, no imaginário de Doroteia, se torna a Bruxa Boa.

OSVALDO, um poeta que, no imaginário de Doroteia (e dele mesmo), se torna o Mágico di Ó.

TOTÓ, um cachorro muito gordo.

CENÁRIO

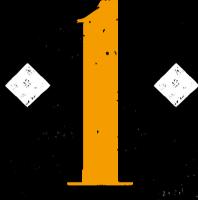
A história toda se passa em dois lugares: na caçamba de um caminhão pau de arara e no imaginário de Maria Doroteia.

CENTAS

7	>	CENA 1	DESPEDIR	57	>	CENA 6	ESCOLHER
13	→	CENA 2	RETORCER	61	₩	CENA 7	QUERER
27	→	CENA 3	ACOMPANHAR	71	>	CENA 8	DESCANSAR
37	→	CENA 4	PENSAR	77	→	CENA 9	ACREDITAR
47	>	CENA 5	SENTIR	89	>	CENA 10	CRER E SER







• CENA 1 •

DESPEDIR

Junto dos acordes de uma sanfona, as luzes se acendem gradativamente. Os personagens entram como retirantes e trazem os seus objetos de cena, que vão, aos poucos, compondo um caminhão pau de arara.

TIA: Eu vou contar uma história que eu não sei como começa. Eu vou contar uma história que eu não sei qual é o fim.

Eles estão se preparando para partir. A tia entra de um canto e vai até eles.

TIA: Até onde batem as asas desse pau de arara, seu moço?

MAMULENGO: Até ali pelas bordas de São Paulo. (amarrando suas coisas)

TIA: Maravilha! E leva muito tempo?

CABRA DE LATA: Tempo é o que ele menos leva, minha senhora. (passando, resmunga)

TIA: Vocês têm espaço pra mais três?

Eles se olham e depois fazem sinal de sim com a cabeça. Do canto, entra o tio, apressado e irritado, carregando malas e seguido de Doroteia, que está visivelmente triste e irritada, levando Totó nos braços.

TIO: Venha logo, Doroteia!

DOROTEIA: Eu já disse que eu não vou! Eu não quero ir!

TIO: A gente já teve essa conversa, chega de birra.

Ele tenta puxar o braço da menina, que não cede.

TIO: Vê se cresce, Doroteia!

DOROTEIA: Não!

(firma os dois pés no chão e diz alto)

A tia escuta a bagunça e corre para ajudar.

TIA: Doroteia, por favor, escute o seu tio e pegue as

suas coisas.

DOROTEIA: Mas, tia... Por que a gente tem que ir?

O tio e a tia se apressam e levam as malas para o caminhão. Doroteia assiste confusa. Eles puxam a menina pelo braço e levam-na para dentro do caminhão. Ela se depara com os outros retirantes, que a encaram.

TIA: Eu vou contar uma história que eu não sei se interessa, mas essa é nossa história e eu vou contar mesmo assim.

O Leão, que vinha por último, coloca sua trouxa em cima do caminhão e dá um tapa na lataria, sinalizando que estão todos prontos. O caminhão dá a partida, eles se acomodam, fazem preces e a música cresce.

TODOS: (ao público)

Eu vou contar uma história que eu não sei como começa. Eu vou contar uma história que eu não sei qual é o fim.

Eu vou contar uma história que eu não sei se interessa, mas essa é nossa história e eu vou contar mesmo assim.

A movimentação, a música e as luzes indicam que eles estão viajando. Agitação.

A cada adeus que dizia, a cada nó que franzia, e como só nunca ia, juntou-se o pó e se criou poesia.

A cada adeus que dizia, a cada nó que franzia, e como só nunca ia, juntou-se o pó e se criou poesia.

Tem que ser tão, tem que ser tão, tem que ser tão...

Eu vou contar uma história que eu não sei como começa. Eu vou contar uma história que eu não sei qual é o fim.

Eu vou contar uma história que eu não sei se interessa, mas essa é nossa história e eu vou contar mesmo assim.



